

VILÉM FLUSSER

Atualmente nada consegue espantar o burgues, nem sequer a Bienal, cujo propósito é espantá-lo. Imperturbável perambula pelos corredores, e os gritos de alarma, de desespero, de propaganda, de exibicionismo, de pose teatral que o assaltam das paredes dos corredores perdem-se na sua capa espessa de algodão tanto quanto as gargalhadas, os arrotos, os assobios obscenos. Essa capa mágica absorve os ruídos mais díspares, solicitações impudicas e desaforos de inibidos, apelos sentimentais e argumentos razoáveis, e transforma todo esse barulho ensurdecedor que é a Bienal em ~~em~~ sussurar suave e levemente idiota co das explicações eruditas. Essas explicações não são, é claro, obra do dono da capa, mas fazem parte do tecido. O burgues comprou a capa, por dinheiro bom, já equipada com todas as explicações necessárias para uma pessoa culta. Imaginem, por um instante, a situação catastrófica que surgiria se um visitante da Bienal fosse a despir sua capa. Nesse strip tease imaginário provavelmente não resistirá a razão do visitante ao contacto imediato com as paredes da exposição, e a visita ao Ibirapuera acabará em Franco da Rocha. No entanto, o perigo pode ser despresado. A visita ao Ibirapuera pode ser feita sem risco. O visitante, embora propenso a toda espécie de strip tease, a começar pelo social e a culminar no anatómico, (se fôr do sexo feminino), não tonde para aquele strip tease que tenho em mente. Não corre perigo de querer tirar a sua capa explicativa. Por isto é inócua a Bienal, e pode ser recomendada inclusive às famílias dos senhores visitantes como divertimento sadio. E vendem pipoca, se não estou enganado, no bar instalado no próprio estabelecimento.

O strip tease perigoso que tenho em mente chama-se "epoché" na filosofia que o recomenda. Consiste na suspensão deliberada de toda explicação possível. As explicações encobrem todas as coisas com suas teias de aranha cinzentas e gegajosas. Camadas sobre camadas de explicações, tecidas no decorrer da história da humanidade, impedem que as coisas do mundo que me cerca se mostrem. O mundo explicado tem contornos borrados, é cinzento, e posso passar por ele sem jamais realmente encontrá-lo. Por exemplo: posso passar diariamente por uma ~~uma~~ bomba de gasolina, sem jamais reparar nela. Já sei tudo a respeito dela. É perfeitamente explicável. Posso explicá-la economicamente como fonte de renda de várias companhias e pessoas. Ou socialmente como uma instituição capitalista. Ou politicamente como efeito de influência estrangeira. Ou psicologicamente como aglomerado de símbolos fálicos, ou arquetípicos, ou como lugar de frustrações e de traumas. Ou historicamente como resultado da civilização ocidental, ou do cristianismo, ou da revolução industrial, ou do gênio de Benz ou de Newton. Ou fisicamente como campo gravitacional ou eletromagnético, ou como aparelho que funciona de uma determinada maneira. Ou estéticamente como estrutura funcional, ou como aglomerado de manchas. Ou éticamente como fonte de bens e de serviços à humanidade. E inúmeras outras explicações, nas camadas mencionadas e outras, são igualmente possíveis. E debaixo de todas essas explicações a bomba de gasolina sumiu. Tornou-se invisível e é por isto que passo por ela sem jamais notá-la.

VILÉM FLUSSER

A filosofia que mencionei, a fenomenologia, pretende redescobrir as coisas do mundo. Levantar uma por uma as explicações que as cobrem qual sujeira milenar, e fazer com que as coisas resplandesçam de novo. Reconquistar aquele espanto que causam todas as coisas, quando vistas. Não como o mundo é é o místico, mas que ele é, (Wittgenstein, Tractatus). Essa redução das explicações ao silêncio, para que finalmente as coisas ~~possam~~ falem e as histórias se caleem, essa deliberada busca da pausa no processo explicativo, é muito difícil. Exige disciplina. Com efeito, várias disciplinas. E uma delas é uma das tendências da arte. Essa tendência, (grosso modo chamada "pop"), é fenomenologia aplicada. Notem a bomba de gasolina na parte americana da Bienal, e como ela procura dizer simplesmente: "eu sou bomba de gasolina". E se prestarmos atenção, ela não o diz, ela o brada. Não é espantoso como podemos ver, pela primeira vez na vida, uma bomba de gasolina? Como podemos descobrir, pela primeira vez, a sua essência, a sua "bomba de gasolinidade"?

Não, não é espantoso. Porque imediatamente começamos a explicar a bomba da Bienal, exatamente como explicamos as bombas na Avenida Europa. No confronto com a bomba bienalesca, transformámo-nos imediatamente em críticos, isto é em cegos e surdos para as coisas. Perguntamos imediatamente, não "quê?", mas "como?". Ou, pior ainda, perguntamos "quê significa?". Explicamos o "pop" como consequência da fenomenologia, ou como movimento característico da situação histórica, ou como consequência de um estado psíquico, ou como fenômeno comercial, ou como busca de novas formas. E explicamos os motivos do artista que fez a bomba de gasolina como tentativa de comunicação com o público, ou como protesto contra o estabelecimento americano, ou como sublimação de complexos, ou como desejo de publicidade, ou como brincadeira de mau gosto. E a bomba de gasolina na Bienal some exatamente como sumiram as bombas na Avenida Europa: soterradas pelas explicações que sobre elas se precipitam qual avalanche para evitar o espanto. E, irônicamente, o presente artigo faz parte da avalanche encobridora das coisas.

É preciso mudar de atitude, se quisermos evitar que as nossas vidas se gastem nas camadas nojentas e pegajosas das teias de aranha. De alguma maneira é preciso que rasguemos as teias, afim de libertar-nos do seu abraço razoável. E a Bienal tem o propósito de assistir-nos nessa mudança de atitude. Mas a decisão depende de nós, e não das obras expostas no Ibirapuera. Se não tomarmos a decisão, mil visitas ao pavilhão não produzirão efeito. Se a tomarmos, uma única pode constituir-se em ponto crítico da nossa visão do mundo. O efeito da Bienal sobre nós não depende tanto da Bienal, mas da atitude na qual nela penetramos. Porque nós somos os que lhe damos valor e sentido. Na relação "eu: Bienal", eu sou o polo que irradia valor e sentido, e não as paredes. Eu, como existência que sou, sou centro do meu mundo, e estruture esse meu mundo ao dar-lhe sentido. Esperar que o mundo me dê sentido, esperar que a Bienal me apresente "aquilo que significa para mim ou em si", é cair em erro. A Bienal se abrirá para mim, (será uma "obra aberta"), se, e somente se, eu me abrir para ela. Do contrário, será uma "cixa branca".

Como VILÉM FLUSSER mudar de atitude, como abrir-se? Creio que a resposta está implícita nas considerações precedentes. A nossa atitude diária é de ação e atividade. Lançamos constantemente redes explicativas sobre o mundo, afim de forçá-lo para dentro das suas malhas, afim de modelá-lo e modificá-lo. Em outras palavras: a nossa atitude diária em relação com o mundo é a de não permitir que o mundo seja mundo. A nova atitude, ao penetrarmos a Bienal, deve ser de paixão e passividade. Devemos recolher as nossas redes explicativas, afim de permitir que a Bienal se lance sobre nos e nos altere. Em outras palavras: devemos permitir que as coisas da Bienal sejam as coisas. Não devemos incidir sobre a Bienal, devemos permitir que ela sobre nos incida. Não devemos formar uma opinião sobre a Bienal; (isto é: não devemos informá-la), devemos permitir que ela nos informe. Não devemos falar sobre a Bienal, devemos permitir que ela fale sobre nós, dentro de nós, e que assim re-estrutura a nossa estrutura e reprograma o nosso programa. O quanto isto é difícil, o presente artigo o prova. Ao recomendar o silêncio, constantemente explica e fala.

A atitude passional, passiva e apaixonada não é necessariamente uma atitude servil e submissa. As redes explicativas que ela recolhe não são redes destruídas. São apenas redes guardadas para outra oportunidade, redes "postas entre parenteses" para uso futuro. A atitude apaixonada não é necessariamente um sacrifício da crítica, do intelecto. É, pelo contrário, a única atitude que permite um uso autêntico das faculdades críticas e intelectuais das quais dispomos. Ela é, como diria Husserl, a base de toda ciência, porque apenas ela torna a ciência possível. Se entrarmos na Bienal com atitude ativa, ativista, crítica, nada captaremos a não ser aquilo que já está contido nos modelos que trazemos conosco. Nada teremos portanto a criticar, e não surgirá nenhuma "ciência" da Bienal que mereça este nome. Mas se conseguirmos deixar os nossos modelos em casa, se permitirmos que a Bienal nos espante, podemos levar material para casa, podemos levar "fenómenos" para casa, e submeter esses fenômenos futuramente aos nossos modelos. Podemos fazer uma crítica, uma "ciência", da Bienal, num sentido muito mais poderoso. E podemos, inclusive, verificar que os nossos modelos são obsoletos e substituí-los. É isto que significa a expressão "fomos alterados". Em suma: a mudança de atitude, a abertura, consiste em deixar os modelos em casa, e ter a paciência de relegar a crítica para um pouco mais tarde. Paciência é sinónimo de paixão e passividade, e não apenas os fenomenólogos, já os alquimistas sabiam disto. E todo verdadeiro cientista o sabe, (se é que ainda existem verdadeiros cientistas).

A Bienal é um pequeno mundo, um microcosmos. Não é nem bolo nem feio, nem bom nem mau, nem sábio nem burro, nem complicado nem simples "em si", mas ele pode ser tudo isto em relação a nós, se é que permitimos que a relação se estabeleça. Mas, se essa relação fôr estabelecida, a Bienal é, antes de tudo, um microcosmos espantoso. Qualquer coisa que ela seja posteriormente, no primeiro contacto com ela a Bienal faz com que estejamos vivos. Que sintamos espanto. Se quisermos viver, precisamos abrir-nos para o microcosmos que a Bienal nos oferece. E, em todos os lugares nos quais disse "Bienal", o leitor pode ler, se quiser, "mundo".